



Chanca, 22 de julho de 2020

Queridos Cláudia, Miguel, Rafael e Tiago,

Neste tempo em que os encontros estão assumidamente *contraindicados* à laia de profilaxia social, e em que o tempo é já ele próprio herança de um tempo demasiado curto, fugidio, apressado e sobrecarregado, resolvemos escrever-vos uma carta como forma de proporcionar encontro.

Esperamos que se encontrem bem. Estamos muito entusiasmados por terem aceite o nosso convite para participar no projeto “As Gentes e os Gestos” da Companhia da Chanca. Como sabem, este não era o nosso projeto inicial, a DGArtes, nossa coprodutora, permitiu-nos fazer esta reestruturação não só como forma de permitir que os profissionais do setor possam continuar a trabalhar, mas também para que o público possa continuar ativo e criativo, acordado nesta dicotomia entre a vida e a morte, que é talvez um dos papéis fundamentais da arte nas nossas vidas e tão pertinente neste tempo que corre. O nosso projeto inicial era a criação de um novo espetáculo de máscaras, na continuação do primeiro espetáculo da companhia, *Sítio*, estreado na aldeia da Chanca, que reflete a vida de um casal de idosos, sós e isolados, encerrados nas suas rotinas rurais, porém voluntariosos e ativos. Continuar a insuflar vida nos territórios do interior, valorizar os seus habitantes (os que ainda resistem ou os que aqui se sentem presos e incapazes) e proporcionar um diálogo com sentido entre as realidades assimétricas – e vincamos aqui o termo realidades em detrimento das usuais perspetivas museológicas acerca do interior que desresponsabilizam e cristalizam - vividas no país e no mundo, é, em última instância, a ambição primeira da Companhia da Chanca. É por isso com naturalidade e paixão que abraçamos este renovado projeto, cujo âmago reconhecemos ser o mesmo do projeto inicial.

É justamente para vos dar a conhecer de onde parte a essência do nosso trabalho artístico que vos escrevemos. Poderá servir como enquadramento para a vossa intervenção, ou não... pois cremos que não se trata aqui de uma encomenda, mas sim de uma relação e daí a necessidade do encontro.

Resolvemos manter o título do projeto “As Gentes e os Gestos”, pois inevitavelmente nos parece que poderia servir ambos os projetos. Convoca não só as gentes, como falámos atrás, como os gestos que é precisamente a base da nossa formação e prática artísticas.

O trabalho com a máscara começa na nossa formação, enquanto ferramenta pedagógica, e termina na criação enquanto facilitadora de produção de sentido, de relação e da obra em si. A

máscara, que está presente no teatro desde a sua origem na europa, quando entra em jogo, converte-se numa tela de projeção, espaço de imaginação onde se encontram, em cocriação, o ator/autor e o observador/espetador. É por isso que ouvimos recorrentemente o nosso público dizer que as máscaras, apesar de saberem que são rígidas, parecerem mover-se numa multitude de expressões. Atinge-se uma certa dimensão mágica que talvez encontre um paralelismo com a dimensão simultaneamente mágica e tecnológica do cinema.

No nosso caso, no caso do espetáculo vivo, substitui-se a tecnologia pelo artesanato. Este é concretizado nos corpos dos atores colocados em movimento, sendo que neste caso, o movimento que nos interessa é a forma como se movem os corpos mais do que a deslocação de um ponto A até B. E daí a presença dos “Gestos” no título do projeto.

Esta qualidade de movimento é apoiada pela forma como *Vemos* o Mundo e o transpomos para a cena como impulso do jogo dramático. A nossa prática assenta em grande parte no ato de mimar. Não se confunda aqui o ato de mimar com o de imitar, mas sim como a incorporação da dinâmica interna do sentido daquilo que observamos, em que a observação é experiência que é em seguida filtrada pelo sentir do observador/ator e devolvida ao observador/espetador. Assim, não existe uma pretensão ou responsabilidade em criar algo completamente novo, já que tudo está apoiado no mundo experienciado por ambos ator e espetador sendo que o novo reside na forma como nos liga ao espetador. Essa forma de ligação pode ser descrita por relações de ritmo, de espaços e de forças. São elas que em seguida vão dar origem às emoções, sensações e pensamentos partilhados pelo ator e pelo espetador no espaço de imaginação projetado bilateralmente na tela/máscara.

É curioso, mas não é de espantar que os nossos mestres e os seus mestres que foram parte ativa da renovação do teatro no início do séc.XX, que deu origem aos novos atores, os atores físicos, foram em parte inspirados pela génese da cinematografia, nomeadamente a cronofotografia. De facto, Étienne-Jules Maray e Demeny estudaram o movimento das ações físicas do homem graças à cronofotografia em que Demeny foi posteriormente tanto o pioneiro da educação física em França como o responsável de invenções cronofotográficas que seriam os fundamentos do cinema. Também não é de estranhar que, mais tarde, já com Jacques Lecoq se tenham trabalhado estilos de teatro em que as dinâmicas físicas dos corpos dos atores são capazes de produzir efeitos cénicos próximos dos da montagem cinematográfica.

Por isso, mais do que um *cruzamento de disciplinas*, tido como *inovador*, carregando nos ombros a responsabilidade do *novo* que atualmente é muitas vezes confundido com *criativo*, e tal como os compromissos terminológicos institucionais nos levam a pensar, entendemos este encontro antes como uma *(re)união de disciplinas*, mais precisamente em que a nossa prática e linguagem, ou *Escola* se preferirmos, encontra parte da sua génese na própria génese do cinema, há quase duzentos anos atrás...

Antes de nos despedirmos, e sobre as experiências partilhadas entre o observador/autor e o observador/espetador gostaríamos de deixar a reflexão de Lecoq que nos fala da existência de um *Fundo Poético Comum*, que ele entende da seguinte forma:

*(...) trata-se de uma dimensão abstrata, feita de espaços, de luzes, de cores, de materiais, de sons que se encontram em cada um de nós. Estes elementos estão depositados em nós a partir das nossas diversas experiências, das nossas sensações, de tudo o que olhámos, ouvimos, tocámos, provámos. Tudo isto fica no nosso corpo e constitui o fundo a partir do qual vão surgir os impulsos, os desejos de criação. É por isso necessário, na minha abordagem pedagógica, atingir este Fundo Poético Comum para não ficar só pela vida tal como ela é ou tal como ela aparece.*

*Le Corps Poétique, Jacques Lecoq, Actes Sud – Papiers, 1997*

Estamos gratos pela vossa atenção e esperamos com esta carta poder contribuir para que possam encontrar um vosso espaço de liberdade dentro deste projeto!

Abraço fraterno e até já,

Catarina e André